

DECISÃO EM SUSPENSO

Demora para invasão de Gaza cria atrito entre cúpula militar e governo de Israel



Pressão nas ruas. Pais de reféns mortos pelo Hamas em Gaza fazem um protesto em Tel Aviv pedindo que Netanyahu priorize a questão: "Acordo de prisioneiros enquanto ainda estão vivos"

Quando Israel convocou mais de 360 mil reservistas, impôs um "cerco total" à Faixa de Gaza e começou uma campanha intensa de bombardeio — que ainda não cessou, 18 dias após o ataque lançado pelo grupo terrorista palestino Hamas — todas as movimentações em solo e declarações de autoridades políticas apontavam que uma invasão por terra do enclave palestino estava na iminência acontecer. A demora para a operação terrestre em larga escala, porém, se tornou um foco de tensão entre as cúpulas militar e do governo israelense, enquanto pressões internas e externas se fazem sentir à medida que o conflito se aprofunda.

No lado israelense, ao menos 1.400 pessoas morreram nos ataques do Hamas em 7 de outubro; do lado palestino, os mortos na retaliação de Israel a Gaza passam de cinco mil — Israel disse ter bombardeado 400 alvos de segunda a ontem.

O mal-estar entre as Forças Armadas e o Gabinete do pre-

mier israelense, Benjamin Netanyahu, chegou a público por meio de declarações à imprensa. Domingo, o porta-voz militar Daniel Hagari afirmou na TV que o Exército esperava só a ordem da liderança política para invadir Gaza, dando a entender que, do ponto de vista operacional, tudo estaria pronto. Fontes militares citadas em jornais locais também demonstraram insatisfação com a espera, numa frente de preocupação para o governo.

AJUDA PARA GUERRA URBANA
A pressão não passou despercebida e ecoou entre a classe política, alinhada em uma posição que beira a unanimidade com relação à eliminação do Hamas. O líder do partido ultraortodoxo Shas, Arie Deri, aliado antigo de Netanyahu e que participa como observador do Gabinete de Guerra formado após o ataque terrorista, saiu em defesa da liderança política e empurrou parte da responsabilidade pela demora em uma invasão por terra ao que seria o despreparo das Forças Armadas.

— Todos concordam com o objetivo, que é que o Hamas não continue a existir — disse Deri em uma reunião do Shas no Parlamento, segundo o jornal Times of Israel. — Mas é preciso notar que não havia um plano [para uma invasão terrestre] anteriormente. Estamos preparando isso em meio aos combates. A fala de Deri coincidiu com relatos da mídia americana de que o Pentágono teria enviado para Israel o general James Glynn, especialista em guerra urbana, para ajudar as forças israelenses a planejarem a ocupação de Gaza. Representantes do presidente americano, Joe Biden, teriam demonstrado preocupação com o fato de Israel não ter objetivos militares alcançáveis em Gaza nem dispor de um plano de invasão que possa funcionar.

Internamente, o mal-estar entre governo e Forças Armadas em torno da invasão ficou ainda mais evidente quando Netanyahu, Gallant, e o chefe do Estado-Maior, o tenente-general Herzi Halevi, emitiram um comunicado conjun-

to incomum para reafirmar a harmonia entre os setores político e militar. No texto, os três disseram estar "trabalhando em estreita e plena cooperação, 24 horas por dia, para levar o Estado de Israel a uma vitória decisiva" e professando "confiança total e mútua" entre eles. Depois, apareceram juntos e fizeram mais declarações — sem dar indícios do momento da invasão terrestre.

Militares dizem que já estão prontos para entrar em Gaza e basta receber a ordem

Apesar do aceno de união, apoiadores de Netanyahu iniciaram uma campanha por cautela. Um vídeo publicado anonimamente nas redes sociais, atribuído aos partidários do premier, pede que a vida dos soldados esteja em primeiro lugar, exigindo mais tempo de preparação e que a Força Aérea destrua os túneis do Hamas antes da invasão — embo-

ra os pesados bombardeios sejam amplamente criticados por autoridades internacionais pelas mortes de civis.

— É um equilíbrio delicado entre a vantagem de deixar a Força Aérea fazer o que faz melhor e quanto tempo se pode atrasar a ofensiva terrestre — disse Ehud Yaari, do Instituto de Política para o Oriente Próximo, baseado em Israel. — Quanto mais túneis a Força Aérea destruir, mais fácil será para as forças no terreno.

A espera, contudo, tem um impacto negativo para Israel. Os contínuos bombardeios de Gaza com mortes de civis e o agravamento da situação humanitária dos 2,3 milhões de habitantes do território — submetidos a um severo bloqueio — aumentam o risco de uma erosão do apoio internacional ao Estado judeu. O Ministério da Saúde de Gaza, administrado pelo Hamas, apontou que apenas ontem houve mais de 700 mortes, o que não pôde ser verificado por fontes independentes — seria o dia mais letal para os palestinos desde o início da guerra.

O governo israelense é pressionado também na esfera externa. Líderes do Ocidente têm abordado as autoridades políticas do país sobre a resposta ao Hamas em Gaza, sobretudo para evitar que a repressão de Israel resulte em uma violação aberta ao direito internacional — barreira que muitos países apontam que já foi rompida — e que as ações ofensivas dificultem ainda mais a libertação dos cerca de 220 reféns. Ao menos 60 reféns são estrangeiros.

Em entrevista à TV americana, o secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, disse que recomendou a Gallant "conduzir suas operações de acordo com a lei da guerra" e tendo em vista a importância da proteção dos civis. O governo americano também manteve conversas com as autoridades israelenses para que a invasão não ocorra antes da libertação dos reféns. O New York Times citou que o plano de Washington seria tentar uma troca dos sequestrados pelo envio de ajuda humanitária a Gaza, algo que Israel tem impedido que ocorra de forma maciça.

REFÉM RELATA SEQUESTRO

Ontem, quando se reuniu com Netanyahu em Tel Aviv, o presidente francês, Emmanuel Macron, mostrou afinidade com Washington ao afirmar que a principal preocupação deveria ser com os reféns, mas disse que a coalizão internacional que combateu o Estado Islâmico na Síria e no Iraque deveria atuar também no combate ao Hamas — demonstrando que o apoio ocidental, apesar das cobranças, ainda permanece com Israel.

Por sua vez, a Agência da ONU de Assistência aos Refugiados Palestinos (UNRWA) alertou que vai interromper as operações em Gaza hoje devido à falta de combustível.

Em Israel, uma das duas reféns libertadas anteontem pelo Hamas deu entrevista contando que foi espancada durante o sequestro, mas bem tratada em cativeiro. Yocheved Lifshitz, de 85 anos, foi levada com o marido, Oded, de 83, que continua em cativeiro. Os dois são ativistas pela paz e costumavam transportar moradores de Gaza que recebem autorização para tratamento em hospitais em Israel.

— Os caras me bateram no caminho. Não quebraram minhas costelas, mas me machucaram muito — descreveu Yocheved, falando de um hospital de Tel Aviv, acrescentando que depois foi bem tratada no cativeiro. — Eles nos trataram bem (...) nos trataram com gentileza e suprimiram todas as nossas necessidades. (Com *The New York Times* e *El País*)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo Pagina: 18